



## **Instrumentos áudio-visuais na construção do conhecimento agroecológico**

Robson Amâncio<sup>1</sup>; Maria Clara de Sá Costa<sup>2</sup>; Cristhiane Oliveira da Graça Amâncio<sup>3</sup>; Bianca dos Santos Santana<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Doutor em Ciências Sociais com ênfase em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA/UFRRJ. E-mail: [robson.amancio@uol.com.br](mailto:robson.amancio@uol.com.br); <sup>2</sup>Graduanda em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), [mclaradesacosta@gmail.com](mailto:mclaradesacosta@gmail.com). <sup>3</sup>Doutora em Ciências Sociais com ênfase em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA/UFRRJ. E-mail: [cristhiane.amancio@embrapa.br](mailto:cristhiane.amancio@embrapa.br); <sup>4</sup>Graduanda em Engenharia Agrônoma pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: [biassantana7@gmail.com](mailto:biassantana7@gmail.com)

**Resumo:** Este resumo trata da experiência com a produção de material audiovisual no campo da construção do conhecimento agroecológico. Assenta suas reflexões em um referencial conceitual apoiado no construtivismo de Piaget e nas abordagens emancipadoras de Paulo Freire. O texto faz uma pequena introdução dos motivos que levaram o desenvolvimento de tais experiências, seguida de uma pequena leitura a luz dos conceitos pedagógicos tratados anteriormente. Segue discorrendo um pouco sobre como foi o desenvolvimento da produção de alguns vídeos e conclui fazendo um pequeno balanço da experiência, possíveis desdobramentos e limitações.

**Palavras chave:** imagens; material didático; transferência de tecnologia; extensão rural; agroecologia.

### **1. Introdução**

Este trabalho traz uma pequena reflexão sobre o uso de vídeos produzidos com experiências ligadas a agricultores familiares e/ou produzidos junto a entidades que apoiam a causa agroecológica, como é o caso da Fazendinha Agroecológica KM47 em Seropédica. Ao longo dos últimos cinco anos foram produzidos quase uma dezena de vídeos que nos apresentam tais experiências. Estes vídeos começaram a ser produzidos quando um grupo de estudantes, professores e pesquisadores resolveram documentar algumas experiências ligadas ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão Tecnológica e Científica em Agroecologia, o NIA-UFRRJ.



O NIA tem como objetivo central formar espaços de reflexão e elaboração de propostas produtivas e organizativas orientadas pelos princípios da agroecologia e do desenvolvimento rural sustentável. Tem atuado através do projeto AIA (Ambientes de Interação Agroecológica), junto a AARJ (Articulação de Agroecologia do Rio de Janeiro).

A partir de uma modesta produção, que retratou uma visita de um grupo de assentados a Fazendinha Agroecológica Km47, percebeu-se o potencial do uso do instrumento como mais uma ferramenta na construção do conhecimento agroecológico. Deste ponto em diante, o NIA UFRRJ passou a dedicar algum esforço mais organizado para a produção de alguns vídeos. É importante ressaltar que outros núcleos parceiros também tomaram iniciativas parecidas. Estas experiências necessitam de uma reflexão mais aprofundada.

Neste sentido, o propósito do relato da experiência do NIA UFRRJ é oferecer algum subsídio para pensarmos o uso dos vídeos e fotografias como um instrumento pedagógico complementar na construção do conhecimento agroecológico.

Um dos elementos que motivou a iniciativa do uso dos vídeos foi a percepção da necessidade de oferecer aos grupos rurais ligados à causa agroecológica novos instrumentos de troca de conhecimentos, instrumentos que sejam mais conectados a aspectos presentes na sociedade atual como é o caso das imagens. A possibilidade de conectividade entre pessoas e grupos sociais aumentou significativamente nas últimas décadas, principalmente com o advento da internet.

Um reforço a esta possibilidade está ligada ao aumento da disponibilidade de recursos de captura áudio-visual. Atualmente não é mais privilégio de alguns a produção de imagens. Se antigamente uma filmadora era um instrumento caro e para poucos, se editar um vídeo era coisa para especialistas, isto se modificou. Existe uma ‘certa democratização’ no acesso a estes instrumentos e meios. Muitos dos aparelhos telefônicos têm a capacidade de registrar imagens de alguma qualidade e editores de imagens estão disponíveis mesmo nestes pequenos equipamentos.

Além do mais, também recentemente, o Governo Federal, principalmente através do extinto Ministério do Desenvolvimento Agrário possibilitou a edição de editais de pesquisa e extensão em Agroecologia que possibilitou a aquisição de equipamentos mais sofisticados de captura e edição de



imagens por grupos de pesquisa/extensão ligados à causa agroecológica. Este foi um dos fatores que motivou parte dos Núcleos de Estudos em Agroecologia (NEAs) a seguir tal estratégia.

Este tipo de iniciativa está apoiado em premissas pedagógicas construtivistas e Freirianas que serão tratadas em separado. Resumidamente elas têm a intenção de criar espaços cognitivos onde se retrabalhe realidades vividas e se estimule ações de resgate de autoestima e autoconfiança.

## **2. Fundamentos Teóricos para a estratégia da construção do conhecimento agroecológico**

Muito se comenta sobre a construção do Conhecimento Agroecológico pelos agricultores, mas quais são os princípios pedagógicos que orientam isso? Quais os sub processos que estão contidos neste processo? Quais efeitos poderemos observar a partir desta abordagem? Os vídeos podem colaborar com a construção do conhecimento agroecológico?

Não vamos aqui entrar no mérito dos processos convencionais e hegemônicos de transmissão de conhecimentos como os que são típicos do difusionismo. Aqui partimos de alguns pressupostos, como por exemplo: a) os agricultores e agricultoras tem um conhecimento prévio de suas realidades e este conhecimento tem que ser considerado e valorizado; b) como historicamente estes conhecimentos foram negligenciados e mesmo refutados acabou-se por reforçar a condições de semi-intransividade da consciência dos mesmos, ou, como nas palavras de Paulo Freire, a Cultura do Silêncio passou a ser condição presente nas relações com os segmentos marginalizados do campo.

Desta forma, deve-se pensar em estratégias pedagógicas que não só considerem o conhecimento prévio que os agricultores têm sobre seu ambiente, como usar isso de maneira a contribuir para se romper o que Freire chamou de Cultura Silêncio. Este tópico tem como objetivo apresentar de forma sucinta os princípios pedagógicos do construtivismo de Piaget e os fundamentos ontológicos das abordagens emancipadoras de Paulo Freire.

O suíço e biólogo Jean Piaget tinha os seus questionamentos direcionados ao entendimento da origem da inteligência e do conhecimento, da evolução humana e da racionalidade.



Em contraponto aos modelos de inteligência inata, comuns à sua época, ao estudar o comportamento lógico da criança, Piaget propõe que a inteligência desenvolve-se a partir de construções. Seu entendimento é que o conhecimento se constrói a partir da interação com o meio físico e social, por meio da atividade do sujeito. Dessa forma, o surgimento do conhecimento, para Piaget, não pode ser visto como anterior à existência social e nem como uma cópia da realidade.

Conhecer um objeto, conhecer um acontecimento, não é simplesmente olhar para ele e fazer uma cópia ou imagem mental dele. Conhecer um objeto é agir sobre ele. Conhecer é modificar, transformar o objeto e entender o processo dessa transformação, e como uma consequência, entender como o objeto é construído (PIAGET, 1971).

Piaget “parte do princípio de que o indivíduo estabelece uma relação de troca com o meio num sistema de relações vivenciadas e significativas. Esse intercâmbio resulta num processo constante de assimilação e acomodação de conhecimentos, o que denominou mecanismo de equilíbrio”. A ideia de uma espiral tem sido a representação mais comum para representar este processo e é conhecida como a “Espiral da produção do conhecimento”. A seguir apresenta-se a representação gráfica deste processo, elaborada pela equipe de metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR da Emater de MG (Ruas et al, 2006).

Percebe-se, então, que o processo de aprendizagem não é previsível ou determinado pelo simples contato direto do sujeito com o objeto de conhecimento. De outra forma, depende dos processos de adaptação, que possibilitam a referida apropriação do conhecimento enquanto construção.

A espiral da produção do conhecimento reconhece a existência de um ‘*saber prévio*’, que pode ser a experiência que um agricultor tenha a respeito de um determinado assunto, p.ex. Desta forma se reconhece que o conhecimento adquirido por um determinado indivíduo ou grupo de pessoas ao longo de sua existência tem que ser considerado e valorizado. Ele será o elemento iniciador de um processo de construção de conhecimento agroecológico. A ideia aqui é que ao longo da existência as pessoas passam por momentos de desestabilização deste conhecimento prévio. Esse *desequilíbrio* pode ser ‘impulsionado por fatores maturacionais, experiência ativa, interação social e busca por equilíbrio realizada pelo psiquismo quando se considera que o seu saber prévio se torna insuficiente para explicar



a realidade (Ruas et al, 2006 p.27). Este *desequilíbrio* pode ser causado nos processos de troca de experiências, comuns na prática de construção do conhecimento agroecológico ou no uso de ferramentas audiovisuais, como é o caso aqui relatado de vídeos.

O elemento que energiza o processo de construção do conhecimento é exatamente este, o *desequilíbrio*, contudo este *desequilíbrio* tem que estar conectado com a ideia de utilidade do novo conceito. Para isso o sujeito tem que aceitar que o seu *conhecimento prévio* é insuficiente para tratar as questões novas que ele enfrenta.

O elemento seguinte no processo de construção do conhecimento é denominado de *assimilação*. Nas palavras de Ruas et al (2006), “assimilar é o processo cognitivo pelo qual uma pessoa integra um novo saber nos esquemas preexistentes”. Teoricamente, a *assimilação* não resulta em mudanças de saberes, mas garante o conteúdo necessário para que isso ocorra. *Assimilação*, para Piaget, é o processo pelo qual o sujeito reconhece e reage a um novo dado do meio externo. Na *assimilação*, o indivíduo age sobre os objetos ao seu redor assimilando-os e integrando-os em sua estrutura cognitiva. Assim, quanto à aprendizagem e compreensão, pode-se dizer que na *assimilação* o indivíduo permanece no mesmo nível de conhecimento. Ou seja, a *assimilação* por si só não transforma, não reorganiza estruturas e, por isso, não faz generalizações, apenas adiciona novas informações aos esquemas desenvolvidos.

A etapa seguinte do processo é a *acomodação*, que é “a ação do sujeito sobre si mesmo”, pois a *acomodação* demanda mudança e ajuste de esquemas. A *acomodação* gera modificações na própria estrutura do sujeito. A partir de Piaget (1971), compreende-se que, nesse processo, o sujeito ajusta novos dados ao seu repertório prévio, estabelece relações, generaliza as novas informações, sendo capaz de aplicá-las em outras situações e, por isso, alterando seu estado inicial.

Segundo ele, a *equilibração* é a capacidade do sujeito de eliminar contradições e reestabelecer o equilíbrio precedente significando uma nova adaptação. Esse processo é fundamental para que haja desenvolvimento do indivíduo, visto que, para se alcançar níveis maiores de conhecimento, é necessário ter alcançado o equilíbrio no nível imediatamente inferior e assim por diante, como em uma espiral integrativa em movimento ascendente. Neste sentido, pode-se entender o processo de



equilíbrio como se constituindo de inúmeras adaptações e desadaptações, equilíbrios e desequilíbrios em direção ascendente.

Entendendo a construção do conhecimento e o desenvolvimento cognitivo são desencadeados pela ação do sujeito. Tal processo se inicia quando o sujeito se depara com algo novo ou desconhecido, estranho às suas estruturas. É a partir da discrepância entre a necessidade e a própria realidade que um desequilíbrio cognitivo é gerado. Esse desequilíbrio ou conflito cognitivo pode ser visto como pivô do desenvolvimento.

Percebe-se, então, que pelas próprias experiências do sujeito, surgem conflitos cognitivos os quais impulsionam o sujeito às explorações e deduções e esses, por sua vez, desencadearão os processos de assimilação e de acomodação num ciclo contínuo. De outra forma, pode-se dizer que, ao se deparar com o desconhecido, mesmo que empiricamente reconhecendo sua própria lacuna de conhecimento, o indivíduo pode agir para ultrapassá-la. Sendo esse o caso, o indivíduo pode realizar uma nova adaptação, a partir dos processos de assimilação e acomodação, dando continuidade aos ciclos de adaptações no desenvolvimento próprio da equilíbrio. Desta forma temos um ‘*saber reelaborado*’. Este é o caminho trilhado na construção do conhecimento agroecológico. Um caminho de ‘*desequilíbrios*’ de saberes prévios quando as trocas de experiências acontecem.

Outro ponto de apoio conceitual usado para esta reflexão está apoiado nas reflexões de Paulo Freire. A base conceitual está assentada nas obras intituladas *Pedagogia do Oprimido*, *Extensão ou comunicação?* e *Ação cultural para liberdade e outros escritos*. Estas abordagens estão conectadas com uma leitura sobre o não desenvolvimento causado pela revolução verde intitulada de “counter development”, ligadas a Benno Galjart (1981).

Os conceitos de Counter development, de Alencar (2001) sintetizam que “se opondo aos mecanismos de dominação intrínsecos aos processos de ‘desenvolvimento normal’ onde existe uma tendência de indivíduos com maiores posses, educação formal, disponibilidade de tempo, ou melhor, acesso às autoridades, conduzirem as organizações locais na direção em que venha lhes beneficiar. Também pode existir a tendência de os grupos locais esperarem que o agente de mudança desempenhe o papel de protetor ou benfeitor, distribuindo favores e benefícios e de abandonarem a organização



quando benefícios não adicionais se tornam não disponíveis e a tendência ao aumento da desigualdade de renda e riqueza entre os indivíduos, em decorrência de diferença quanto ao ponto de partida, acesso aos insumos e aos efeitos de escala de algumas inovações tecnológicas”.

Esta abordagem indica que o rompimento destas situações será superado quando estes grupos desenvolverem processos participativos que os levem a uma condição de empoderamento ou aquisição de poder (empowering), e é neste ponto onde se encontra uma aproximação entre as abordagens freiriana, principalmente quando trata sobre *conscientização* e o construtivismo piagetiano. Primeiro tratemos de onde aproximar de Freire.

Em Ação cultural para liberdade e outros escritos, Freire (1976) nos traz o conceito de ‘cultura do silêncio’. Para Paulo Freire, na ‘cultura do silêncio as pessoas humildes sentem-se semi-mudos ou mudos’. Se sentem marginalizados dos processos de transformação da sociedade. Alencar (2001) lembra que Freire explica que esta dominação não é necessariamente construída pelo dominador e nem é ele que a impõem ao dominado. Este modo de cultura é o resultado das relações estruturais de dependência do dominado com o dominador. A cultura do silêncio é uma expressão superestrutural que condiciona uma forma especial de consciência. Para entendê-la é necessário pressupor a dependência como um processo relacional que dá origem a diferentes formas de ser, de pensar e de expressar. Tal forma especial de consciência é denominada de *semi-intransitiva*.

Nesta condição as pessoas se sentem semi-mudas, não conseguem entender os fatos e fenômenos sociais, ambientais, econômicos e políticos que os cercam e que explicam estruturadamente a realidade que os cercam, ou seja, não conseguem compreender as relações, conexões e inter-relações entre fatos, fatores e fenômenos para explicar sistemicamente a realidade que os cercam. Muitas vezes acreditam que os fenômenos têm caráter mágico ou se explicam por obra do destino. As pessoas se sentem incapazes de mudar a sua realidade, pois não conseguem compreendê-las. Elas não se sentem confiantes para acreditarem em suas próprias experiências e capacidades.

Estas condições, de semi-intransividade da consciência, são importantes para entender as posturas de resignação perante atos de clientelismo e patronagem típicos no rural brasileiro.



A questão que se coloca é como romper esta condição? Aí temos o ingrediente que aproxima o construtivismo de Piaget, Freire, as teorias de Galjart e a Construção do Conhecimento Agroecológico. Entende-se a cultura do silêncio de ‘conscientização’, segundo Freire, por isso o fenômeno onde as pessoas passam o compreender a realidade social que molda suas vidas e capacidade que elas têm de transformar tal realidade. Este processo é dialético e está incorporado na maioria das metodologias de Organização Não Governamental (ONGs) combativas no campo e cidade. Ele é horizontal, dialógico e vinculado ao que chamamos de educação popular. Trata-se de um processo de aquisição de poder (*empowering e/ou empowerment*). Resulta na elevação da autoestima e autoconfiança dos membros dos grupos e conseqüentemente aumenta o poder de barganha e reivindicação destes grupos frente aos setores que os marginaliza. Estes processos aumentam o poder de contraposição destes grupos.

Na verdade, constroem um processo construtivista onde se rompe o ‘saber prévio’ que considera estes grupos como inferiores e, portanto, ‘incompetentes’. A partir das trocas de experiências e vivências se constroem outros pressupostos de capacidades e os grupos se tornam mais competentes para enfrentar seus problemas, diagnosticando-os e apontando caminhos para solucioná-los.

A construção do conhecimento agroecológico é, portanto, construtivista, freiriana e empoderadora, pois ela permite que a partir da valorização do conhecimento tradicional (saber prévio) se resgate a autoestima e autoconfiança destes setores, organize o seu potencial para ações mais propositivas de enfrentamento de realidades excludentes. A construção do conhecimento agroecológico é, portanto, empoderadora.

Reconhecer-se nos fatos e atos é parte importante deste processo de construção. Trocas de experiências são um bom caminho, ver-se em imagens também são. Trocar imagens de situações contribui para este resgate de autoestima e confiança e propicia ambientes de ‘desequilíbrio’.

### **3. Experimentando o uso de imagens em uma perspectiva construtivista e empoderadora**

A partir da reflexão conceitual feita anteriormente podemos pensar em como usar de ferramentas audiovisuais, como os vídeos numa perspectiva construtivista.





Um dos pontos que podemos nos apoiar neste sentido é pensar os vídeos como um instrumento ‘desestabilizador’ dos ‘saberes prévios’ dos grupos e sujeitos envolvidos nos processos de construção do conhecimento agroecológico. Ter o contato, mesmo que visual e auditivo com um novo conceito pode contribuir neste sentido e levar o sujeito ou grupo a desenvolver um processo de reflexão sobre práticas usadas e repensar tais processo, ‘assimilando e acomodando’ o conceito novo em um processo de equilíbrio.

Outro ponto a se considerar é usá-los como um instrumento indutor de resgate de autoestima e autoconfianças deste sujeitos e grupos. Ver-se nas imagens fazendo coisas ou ver semelhantes desenvolvendo atividades exitosas pode ter um efeito pedagógico importante neste sentido e contribuir para que se sintam capazes de diagnosticar e enfrentar problemas em seus círculos de convívio. Isto poderia contribuir para se romper com o que Freire chamou de semi-intransividade da consciência e colaborar para que estes grupos ganhem voz frente às organizações e situações que os marginalizam na sociedade.

Isto pode induzir contatos entre pontos de rede e estimular para que estas redes cresçam e se fortaleçam.

Ao longo dos últimos quatro anos, no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Agroecologia – NIA UFRRJ e no âmbito da rede de núcleos da região sudeste denominado de Comboio Agroecológico da Região Sudeste foram desenvolvidos alguns vídeos.

Estes vídeos traduziram desde experiências vividas por agricultores até algumas iniciativas em termos de permeabilização de tecnologias sociais desenvolvidas a partir e para estes segmentos. A seguir apresentaremos algumas destas experiências comentando como as mesmas podem ser entendidas numa perspectiva construtivista e empoderadora.

#### **4. Vídeo: Intercâmbio de Experiências na Fazendinha**

O primeiro vídeo produzido pela equipe do NIA UFRRJ surgiu de forma inusitada. Grupos de agricultores familiares do Médio Paraíba organizaram-se para participar de uma visita técnica à



Fazendinha Agroecológica Km47. Até então isto era um sonho distante e a UFRRJ vista como um espaço quase intangível para este segmento social. Eles se organizam e uma equipe da área de Transferência de Tecnologia de EMBRAPA (Empresa Brasileira em Agropecuária) Agrobiologia organiza a visita com o apoio da Pró-reitoria de Extensão da UFRRJ. Nos organizamos de forma extremamente amadora para documentar a visita e ‘interceptamos’ o ônibus que os trazia a cerca de 50 km de distância do local. Este já foi um momento diferente, eles concordaram em documentar a visita e produzir um pequeno vídeo sobre o evento. Depois de editado o vídeo foi levado para ser assistido nos assentamentos e acampamentos. Como não havia energia elétrica, improvisou-se um ‘gerador’ para que pudesse ligar equipamento de multimídia e computador para seção pública. As pessoas se mobilizaram entre os que foram na visita e os que não puderam acompanhar e o que se seguiu foi inusitado. Era clara a emoção presente entre eles de se verem naquele espaço dialogando com pesquisadores, professores e extensionistas em iguais condições. Ficou claro o efeito pedagógico que o vídeo causava. Eles se sentiam importantes protagonistas de uma situação e momento. Imediatamente a equipe que produziu o vídeo percebeu o efeito que isso poderia trazer para o resgate da autoestima e autoconfiança destes agricultores. Notou-se aí uma aproximação entre alguns temas estudados na disciplina de extensão rural, quando tratado de metodologias participativas e emancipadoras e aquele momento. Deste momento em diante se despertou para o potencial que os vídeos poderiam ter em um processo de educação popular no sentido de construção da cidadania e do conhecimento agroecológico.

### **5. Vídeo: Construção de cisterna para armazenamento de água das chuvas**

O segundo vídeo produzido pela equipe também surgiu de forma inusitada. Poucos dias antes de começar uma troca de experiências entre um agricultor do Norte de Minas, do município de Porteirinha e agricultores locais em Seropédica para a construção comunitária de uma cisterna de placas (36 mil litros), nos moldes difundido pela Articulação do Semiárido (ASA), foi aventada a possibilidade de documentar o evento e transformar isso em um pequeno vídeo-curso. Os participantes do NIA se organizaram com os poucos recursos que tinham: uma filmadora, um pequeno microfone de uso em



computadores, um tripé antigo e muita, mas muita boa vontade e foi-se à luta. A documentação levou cerca de três semanas, filmando cada passo do processo. O resultado foi um pequeno documentário que tem sentido de vídeo curso e hoje conta com quase 200 mil acessos na internet. O vídeo teve e tem um efeito muito interessante. As pessoas que participaram do processo se sentiram e sentem até hoje orgulhosas do feito. Se sentem importantes por compartilhar a experiência com tantas pessoas distantes. Também houve a possibilidade de mapear alguns depoimentos de usuários das informações contidas no vídeo, entre eles se vê que ao notarem que gente como eles conseguiram realizar o sonho da construção da cisterna eles se sentiram empoderados para realizar tal feito também. O vídeo traz a experiência de compartilhar uma ‘troca de saberes’ virtual, via a rede mundial de computadores. É a modernidade chegando à agroecologia.

#### **6. Vídeo: Aprenda a fazer compostagem 100% vegetal e gere seu próprio adubo orgânico**

Este produto foi resultado de uma parceria entre uma profissional da área de apoio da área de transferência de tecnologia da EMBRAPA Agrobiologia, um pesquisador da mesma instituição e estudantes e professores do NIA UFRRJ. As imagens foram capturadas por esta profissional a partir de um roteiro discutido e definido com o pesquisador. A ideia do vídeo é desmistificar o conceito de que não é possível a produção de um bom composto orgânico sem esterco animal. Ele acaba por cumprir o papel de desestabilizador do saber prévio onde a premissa é essa, a necessidade do esterco animal. O vídeo, extremamente didático, com linguagem simples, aproxima o pesquisador dos agricultores e mostra de forma simples os procedimentos que se deve seguir. Este vídeo conta atualmente com cerca de 200.000 visualizações e tem cumprido a missão de ressignificar a produção de compostos nas unidades familiares. O desenvolvimento desta tecnologia social foi fruto de demandas de agricultores familiares que participam de alguma forma das ações na e da Fazendinha Km47. Aqui nota-se o processo construtivista de Piaget funcionando.

#### **7. Vídeo: Produção de mudas orgânicas de hortaliças**



Trata-se da próxima realização audiovisual do NIA, com apoio de uma profissional da área de Agricultura Orgânica da EMBRAPA Agrobiologia e Fazendinha Agroecológica Km47. A produção deste vídeo surge da identificação da demanda de que no segmento de hortaliças orgânicas há poucos produtores de mudas com qualidade e certificados para o abastecimento dos sistemas produtivos da agricultura familiar, pois há desconhecimento sobre as matérias-primas e as técnicas mais apropriadas de produção das mudas. Este vídeo pretende desestabilizar o saber prévio de que somente é possível produzir mudas orgânicas de olerícolas com insumos sintéticos.

Na condição de serem visitados e tratados de forma horizontal e dialógica durante as filmagens, e participando ativamente da discussão e construção do conteúdo, os produtores presentes nas filmagens já demonstraram se sentir valorizados e empoderados. Eles puderam explicar sistematicamente suas realidades de manejo e até mesmo puderam indicar o que fazer dentro de outras realidades.

## **8. Considerações Finais**

Ao longo dos últimos cinco anos percebeu-se o potencial que o uso de imagens tem para potencializar os processos intrínsecos à construção do conhecimento agroecológico, seja como um mecanismo de troca de saberes ou mais profundamente como um movimento dentro de um processo complexo e profundo de transformação de realidades. Agricultores se tornam protagonistas nestes eventos e suas imagens perpetuam-se na rede internacional de computadores. Estas imagens, com seus argumentos e ideários, transcendem territórios e tornam a mensagem da agroecologia mais fluida e com um alcance maior de transformação de realidade. Este é um processo que necessita de reflexões mais profundas e a contribuição de profissionais de áreas como a comunicação, cinema, sociologia e antropologia da comunicação são bem-vindas. É certo que o protagonista neste processo é o agricultor familiar.



Os processos pedagógicos ligados ao uso de imagens carecem de uma maior reflexão e, desta forma, é importante um olhar complexo para esta experiência bem como outras que estão ocorrendo.

Durante as caravanas agroecológicas da região sudeste muitas imagens foram capturadas e vídeos foram e estão sendo produzidos. Quais os impactos que os mesmos têm e terão? Como potencializar o uso de mais esta ferramenta na construção dos caminhos da agroecologia? Como vamos nos organizar para enfrentar os novos desafios que nos chegam e como usaremos tais ferramentas? Estas são algumas das poucas perguntas que nos inspiram a continuar a trabalhar nesta perspectiva.

## Referências

FREIRE, P. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. *Ação cultural para liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

GALJART, B. *Counterdevelopment: a position paper*. *CommunityDevelopmentJournal*, Oxford, 16 (2): 88-96, April, 1981.

PIAGET, J. *O Nascimento da Inteligência na Criança*. Lisboa Codex, Portugal, 1971.

PIAGET, J. *Coleção Os Pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 296 p.

RUAS, Elma et al. *Metodologia participativa de extensão rural para o desenvolvimento sustentável – MEXPAR*. Belo Horizonte, março 2006. 13p.



ANEXOS



**Figura 1:** Espiral da produção do conhecimento.  
Fonte: MEXPAR



**Figura 2:** Intercâmbio de experiências na Fazendinha Agroecológica, BR-465 Km47.  
Fonte: <[www.youtube.com/watch?v=onKcE9ZIA](http://www.youtube.com/watch?v=onKcE9ZIA)>



**Figura 3:** Construção de Cisterna para armazenamento de água das chuvas Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=IBvbf9bNXcl>



**Figura 4:** Compostagem 100% vegetal  
Fonte<<https://www.youtube.com/watch?v=Af0IhGWge2>>



**Figura 5:** Filmagem com agricultor João Galo sobre produção de mudas orgânicas.  
Fonte: Maria Clara de Sá, 2016.